

ENTRE O JAPÃO E O BRASIL: A TRAJETÓRIA DO IMIGRANTE¹

Marco Luiz de Castro

Síntese – O objetivo deste trabalho é, a partir da análise das trajetórias de vida de alguns intelectuais da colônia japonesa no Brasil, respaldada na literatura existente, discutir a constituição da identidade nacional dos nipo-brasileiros, considerando-a como uma articulação entre elementos culturais e prático-formais (jurídicos) do Brasil e do Japão.

O caráter nacional destes indivíduos é visto, assim, como portador de conteúdos semânticos superpostos que incluem uma nacionalidade em sentido estrito e uma transnacionalidade, elementos que variam no tempo de acordo com o contexto social, político e econômico brasileiro e japonês.

I

Muito se escreveu sobre os japoneses e seus descendentes no Brasil, tendo sido o assunto objeto de uma primeira sistematização e comentários em 1967, por Robert J. Smith, John B. Cornell, Hiroshi Saito e Takashi Maeyama.

Naquele trabalho pioneiro, os autores admitiam que, até a década de 1940, a literatura produzida sobre os japoneses no Brasil refletia, principalmen-

1. Apresentado no III Encontro Brasileiro de Estudos sobre o Japão e o Pacífico (São Paulo, 05.11.93).

te, as circunstâncias psicossociais da época, posicionando-se sempre a favor ou contra a entrada de japoneses em nosso País.

É a partir de 1940 – afirmava Saito na apresentação de uma de suas coletâneas (Saito e Maeyama, 1973) – que desperta entre sociólogos e antropólogos o interesse real pelo estudo do grupo japonês, desenvolvido, então, segundo os moldes científicos.

Nesta segunda fase, observa-se a produção de obras de qualidade, realizadas por pesquisadores de diversas áreas das ciências humanas, muitos deles japoneses ou descendentes. Estes, notadamente os das primeiras gerações de imigrantes, dedicaram grande parte de suas vidas ao desvendamento do caráter identitário daquele contingente de indivíduos, japoneses por nascimento ou origem, que acabaram se radicando no Brasil.

A vida e as reflexões destes intelectuais, dos quais destacamos Hiroshi Saito, Tomoo Handa, Takeo Kawai, Teiti Suzuki, José Yamashiro, entre tantos outros, convergiam para a busca da resposta ao questionamento de quem era o seu povo e como se posicionavam em relação ao país de origem, o Japão e aquele onde fincaram raízes, o Brasil (indivíduos que, neste trabalho, denominamos nipo-brasileiros ou, ainda, *nikkei*).

Este questionamento persiste nos espíritos de praticamente todos os *nikkei* e a solução ao dilema identitário que traz à tona pode ser encontrada na própria história de vida dos imigrantes e na articulação que fizeram dos elementos culturais e contextuais observados durante suas existências.

Entre os imigrantes japoneses, uma expressão significativa dos dilemas identitários encontra-se na vida e na obra desses intelectuais. Isto ocorre devido ao seu caráter de agentes sociais privilegiados, pois estiveram presentes e ativos nos principais momentos pelos quais passou a colônia japonesa, ao mesmo tempo em que se preocupavam em refletir sobre a bagagem cultural transferida pelos ascendentes e as condições concretas de seu cotidiano, projetando suas idéias e ações para o conjunto dos *nikkei*, configurando-se, em alguns momentos, como “formadores de opiniões” da colônia. Eram, portanto, protagonistas da história de seu povo, indicando suas tendências.

Na pesquisa que realizamos², uma trajetória, em especial, destaca-se entre as outras desses intelectuais como síntese dos dilemas identitários *nikkei* e metáfora da própria história da colônia: a de Hiroshi Saito, cuja vida é objeto principal da pesquisa em andamento³.

Neste artigo, vamos utilizar alguns elementos do trabalho de campo já realizado a partir, não somente, da trajetória de vida de Hiroshi Saito, mas de diversos intelectuais da colônia entrevistados, bem como da literatura disponível em língua portuguesa, na tentativa de estabelecer uma discussão sobre os parâmetros que delimitam a extensão da nacionalidade do *nikkei*.

2. A ser apresentada como dissertação de mestrado no Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

3. Pesquisa realizada com auxílio da FAPESP.

As hipóteses básicas do trabalho sugerem a existência de uma nacionalidade dos nipo-brasileiros constituída por dois conteúdos semânticos superpostos, originados pela articulação de elementos culturais e prático-formais (como aponta Habermas, 1989) que estes indivíduos realizam em seu cotidiano. Estes elementos variam ao longo do tempo de acordo com o contexto social, político e econômico no qual se vêem envolvidos, fazendo também variar, em consequência, a definição que elaboram das respectivas nacionalidades.

II

A questão básica que pretendemos abordar é, portanto, como os nipo-brasileiros articulam a origem étnica e cultural num contexto de Brasil, onde vivem e desenvolvem suas atividades. Para que se proceda a essa análise, alguns conceitos precisam ser detalhados: o principal, entre eles, é o de nacionalidade.

A idéia de nacionalidade pressupõe, num primeiro momento, a condição ou qualidade de quem ou de quem é nacional, o envolvimento a uma comunidade imaginada, como observa Benedict Anderson (1989). O sentido jurídico do termo, contudo, aponta para uma condição própria de cidadão de um país, quer por naturalidade, quer por naturalização.

Embora não exista tensão aparente entre as duas conceituações, os sentidos sociológico e jurídico de nacionalidade não devem se confundir, o que impediria compreender efetivamente o que é ser um “japonês do Brasil” ou um “brasileiro de origem japonesa”.

No caso dos imigrantes e seus descendentes, o instrumento conceitual adequado que lhes confere o *status* identitário, de acordo com a experiência de campo realizada e bibliografia recente sobre o assunto, é o de nacionalidade tomada num sentido amplo, que engloba dois campos semânticos diferenciados e superpostos, indicando a existência de uma nacionalidade em sentido estrito e de uma transnacionalidade.

Nacionalidade e transnacionalidade coexistem: a primeira refere-se diretamente ao Estado onde o indivíduo encontra-se radicado e, a segunda, à ligação que se estabelece entre este indivíduo e o país de origem de seus ancestrais.

A nacionalidade do descendente de japoneses, portanto, engloba aspectos culturais brasileiros, incorporados ou manipulados, e também uma “disponibilidade de identificar-se com a ordem política e os princípios constitucionais” – seguindo as palavras de Habermas (1989:94) – do País.

Um dos principais trabalhos sobre a nacionalidade contemporânea foi realizado por Jurgen Habermas (1989). Não cabe, neste momento, uma discussão aprofundada da proposição deste autor, mas é interessante reter apenas alguns pontos importantes de sua argumentação.

Esquemáticamente, Habermas afirma que as atrocidades verificadas durante a Segunda Guerra Mundial induziram a um repensar das nacionalidades

não no seu conteúdo ontológico, mas numa dimensão normativa inserida no contexto político de Estado. Ou seja, as conseqüências geradas pelo nacionalismo na Europa levaram a um novo balizamento das nacionalidades, de modo que, em dado país, passa-se a privilegiar uma estrutura normativa, constitucional, que se sobrepõe às questões nacionais (de base cultural) que subsistem no território do Estado.

Transposta para a América Latina, Guillermo Ruben (1993) mostra que o movimento, neste caso, é inverso. Afirma que “a identidade coletiva práctico-formal já foi uma experiência nos países latino-americanos bem antes da proposta de Habermas” (Ruben, 1993:25). Isto porque, dada a natureza imigrantista latino-americana, formou-se nesse território um contingente de “compatriotas” que ainda caminham no sentido de construir uma identidade cultural. Conclui Ruben, em seu estudo, que “os países latino-americanos estariam em trânsito, inversamente aos países centrais, especialmente os europeus, de nacionalidades práctico-formais vazias de tradição para identidades coletivas-com-tradição” (*id., ibid.*: 26).

É dentro dessa visão, portanto, que vemos os descendentes de japoneses como um povo que possui especificidades culturais, inserido num contexto de Estado brasileiro.

Para tornar mais clara essa afirmação, podemos dizer que um japonês e seu descendente, ao se radicarem no Brasil, sujeitam-se às leis brasileiras e, ainda nesse contexto, para que possam desenvolver suas atividades no cotidiano, torna-se necessário incorporar aspectos culturais do local em que se estabeleceram (Brasil)⁴.

Por outro aspecto, japoneses e seus descendentes, mesmo no Brasil, apresentam traços culturais nipônicos freqüentemente recriados no seu dia-a-dia, seja no âmbito familiar, seja no convívio com outros indivíduos da mesma origem ou ainda no confronto com indivíduos não descendentes de japoneses que se envolvem em expectativas recíprocas de comportamento. Paralelamente, e em especial no caso dos *nikkei*, uma dimensão jurídica deve ser acrescentada. Existe todo um conjunto de privilégios jurídicos que se estende do Japão ao Brasil no sentido de aproximar os descendentes de japoneses ao país de origem de seus ancestrais. Os motivos que orientam a concessão desses privilégios, ao menos neste momento, escapa aos limites deste estudo.

Esquemáticamente, portanto, passa a ocorrer:

4. Por nascerem no Brasil, os descendentes de japoneses são cidadãos brasileiros. Os japoneses, por sua vez, ao passarem pelo processo de naturalização, adquirem a cidadania em nosso País. Antes disso, quando radicados no Brasil, gozam dos direitos originados pelo visto de permanência em território nacional.

JAPÃO

BRASIL

NACIONALIDADE:

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

- Identidade cultural do país em que está radicado (ou em que nasceu e vive)

+

- Direitos originados pela nacionalidade brasileira ou pela possibilidade de permanência no País

TRANSNACIONALIDADE:

////////////////////

- Identidade cultural transferida pelos ascendentes, conservada e reformulada

- Direitos ou privilégios jurídicos concedidos pelo país de origem dos ancestrais (ou em que nasceu mas não se encontra radicado)

O significado de transnacional é esclarecido pelos sentidos do prefixo *trans*, que indica um “movimento para além de; através de, *posição para além de*; posição ou movimento de través; intensidade...” (*Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 1986: 1699 – grifo nosso). Trata-se, portanto, de uma nacionalidade que busca existir para além das fronteiras territoriais de um Estado. Guillermo Ruben, inspirado na definição expressa pelo dicionário, conceitua transnacional como

tudo aquilo que acontece fora das fronteiras nacionais sem que isto subentenda uma automática ruptura com a nação de origem [...] são processos transnacionais quando fatores de produção, ou seja, capital, ciência, cultura e tecnologia e as forças vivas do trabalho, realizam-se fora das fronteiras de origem (Ruben, 1993:13-14).

Estabelecido, assim, o que entendemos por nacional e transnacional, resta verificar como os nipo-brasileiros elaboram a sua identidade na conjugação desses dois elementos em momentos significativos pelos quais passou a colônia japonesa nos últimos 85 anos.

O cruzamento de entrevistas realizadas com a bibliografia existente na área da Antropologia e ciências afins indica a existência, para a análise das

questões nacionais, de cinco contextos principais⁵ ligados à trajetória dos imigrantes japoneses no Brasil:

O primeiro deles refere-se ao período da imigração. As principais obras que se ocuparam do tema, assim como as entrevistas realizadas, confirmam o fato de que o imigrante se deslocava ao Brasil com a intenção de ganhar dinheiro e voltar à terra natal.

Arlinda Rocha Nogueira aponta que

numa primeira fase, o emigrado sonhava obter dinheiro fácil para se estabelecer como fazendeiro ou comerciante na região para a qual se deslocasse, noutra pretendia apenas uma permanência temporária, suficiente para obter algum dinheiro que lhe permitisse auxiliar a família em dificuldade, pagar dívidas, juntar certa quantia e retornar ao solo pátrio (Nogueira, 1984:15).

Os japoneses estariam nessa segunda fase.

Nesse contexto, pode-se afirmar que, ao se estabelecerem no Brasil, os japoneses pretendiam ser, e de fato eram, transnacionais em nosso país. Sua nacionalidade, no sentido exposto, era japonesa. Eram cidadãos nipônicos que se encontravam no Brasil para tentar melhorar seu *status* sócio-econômico na volta ao país de origem.

O segundo momento analisado é o do período imediatamente anterior à Guerra. Passados alguns anos depois de se estabelecerem no Brasil, ainda sem o retorno econômico esperado e sujeitos a inconvenientes no trabalho cotidiano, os japoneses viram crescer, por um lado, o nacionalismo brasileiro, por outro, o japonês.

Na imagem elaborada por José Yamashiro (1992:170), estavam “entre dois penhascos”. Essa situação levou alguns estudantes, filhos de imigrantes, entre eles os primeiros que conseguiram acesso a cursos de nível superior, a tentarem dar uma resposta àquela situação opressora. Era o primeiro sinal que indicava a emergência de questões de nacionalidade e transnacionalidade as quais tomariam força anos mais tarde.

Em outubro de 1935, o presidente da Liga Estudantina Nipo-Brasileira publicava no jornal estudantil *Gakusei* um artigo intitulado “Nossa Mentalidade” Nele, entre outras idéias, escrevia:

Como poderemos amar a terra dos nossos antepassados? Se nem a conhecemos? Podemos ter quando muito um sentimento de respeito pela pátria de nossos pais, mas nunca a idéia de patriotismo pela terra dos crisântemos (*apud* Yamashiro, 1992:171).

A expressão “terra dos crisântemos” foi considerada um grande desrespeito ao Imperador e causou inúmeros problemas aos responsáveis pela publicação.

5. Contextos principais construídos a partir da visão apresentada por Hiroshi Saito [in.: SAITO (org.), 1980:81-89] ao analisar a trajetória da colônia japonesa no Brasil de acordo com os “principais eventos que afetaram os imigrantes”

Tomoo Handa, ao analisar o evento, escreve:

[...] o que quero registrar é que com o “fato crisântemo” ficava claro que se iniciava o processo de conscientização e tomada de posição dos nisseis. Até então os imigrantes isseis achavam que o futuro dos nisseis dependia da vontade deles e, por isso, preocupavam-se com a educação e com o ensino da língua japonesa; sugeriam a submissão ao Brasil e o amor ao Japão; a cultura da alma japonesa e dos talentos brasileiros, sendo seu ideal a construção de uma personalidade dual para que fossem profissionalizados e socializados para a sociedade brasileira, mantendo, porém, o sentimento japonês, cujos valores foram totalmente contestados pelos filhos que se afirmavam brasileiros, que respeitavam o país de seus pais mas que amariam o Brasil. E seu patriotismo consistia em amar o Brasil como brasileiros. Manifestaram fielmente sua posição, a de que quanto ao seu futuro eles é que decidiriam. Nesse contexto é que considero o “fato do crisântemo” um marco na história da colônia (Handa, 1987:624).

Estavam, assim, explicitamente delineadas, pela primeira vez, as preocupações dos japoneses e descendentes quanto à identidade, pátria, cidadania e nacionalidade. Verifica-se, também, que as idéias de nacionalidade e transnacionalidade já se faziam presentes, embora com sentido ainda difuso.

O terceiro momento nos remete à Segunda Guerra Mundial e, principalmente, à difícil apreensão de suas conseqüências por parte dos japoneses e seus descendentes no Brasil.

Retornando ao mencionado “fato do crisântemo” e suas repercussões, alertava Handa:

Embora, porém, uma minoria de nisseis tivesse se desenvolvido a ponto de pensar com posicionamento próprio, a maioria não chegava ainda a encarar o problema educacional dos nisseis do ponto de vista do nissei, e os “isseis” apenas começavam a entender este novo posicionamento. De qualquer maneira, aqueles que se sentiam ameaçados e desestabilizados com a nova consciência dos nisseis passaram a enfatizar ainda mais a importância da educação japonesa, como uma contra-reação à tomada de consciência por parte dos nisseis (*id., ibid.:* 624).

Esta última posição tornou-se dominante entre os integrantes da colônia que haviam incorporado o nacionalismo japonês e esperavam ansiosamente pela vitória do Japão no conflito mundial. Estavam tão convencidos da invencibilidade nipônica que se recusaram a admitir a sua derrota. Deram, então, origem ao episódio conhecido genericamente como *Shindô-renmei* (originalmente o nome da principal organização que advogava a vitória nipônica), envolvendo numa disputa impiedosa e violenta aqueles que acreditavam na vitória do Japão na Segunda Guerra e os que acreditavam na derrota do país.

Sobre a organização, seus fundamentos e a intenção de alguns líderes, escreveram Willems e Saito:

A análise do arcabouço ideológico de *Shindô-renmei* revela que os seus dirigentes se propuseram “salvar os imigrantes japoneses para o Japão”, opondo-se intransigentemente a todas as tendências assimilacionistas dos próprios imigrantes e reconduzindo-os finalmente a sua terra na-

tal. Observações feitas entre imigrantes de outras origens revelaram que os líderes mais extremados de movimentos antiassimilacionistas são, em regra, elementos desajustados ou economicamente mal-sucedidos, desejosos de regressar ao país de origem, mas em condições que lhes assegurem um *status* social inatingível no país adotivo. Tornar-se benemérito da causa japonesa no exterior e basear sobre esses méritos a ascensão social no próprio Japão – eis o que se afigura como móvel de ação dos dirigentes de *Shindô-renmei*. (Willems e Saito, 1947:152).

Hiroshi Saito, por diversos motivos, incluindo-se o domínio da língua portuguesa, acompanhava pela imprensa brasileira a sucessão dos acontecimentos ligados à guerra. Tornou-se ativo entre os que difundiam a notícia da derrota do Japão e apontava possibilidades (e algumas dificuldades) da assimilação dos japoneses e seus descendentes no Brasil.

Admitida a derrota japonesa, o caráter transnacional que se verificava entre os *nikkei* apresentou tendência ao declínio, dando lugar a um necessário fortalecimento da nacionalidade do país onde haviam se radicado, o Brasil.

Analizando o período, observa Hiroshi Saito que a

lealdade anterior para com a pátria e o imperador estava mais voltada agora para o país adotivo, pátria dos filhos e netos; o plano inicial era substituído, quase que inconscientemente, pela permanência definitiva (in.: Saito (org.), 1980:86-87).

O quarto momento contrapõe a derrota japonesa na guerra à vitória brasileira que se afigurava, principalmente, no campo econômico. Até o início dos anos 70, o Brasil passou por um surto de desenvolvimento que voltou a torná-lo atrativo aos olhos dos imigrados. Sentir-se incorporado à nação brasileira era um desejo e um privilégio de muitos japoneses. Para aqueles que ainda relutavam em aceitar-se como membros da sociedade brasileira, intelectuais e expoentes da colônia realizavam um trabalho de conscientização e engajamento.

Como exemplo, foram realizadas diversas viagens ao interior por Hiroshi Saito e Tomoo Handa, entre muitos outros, na década de 60 e no início da de 70, com a finalidade de aconselhar e integrar os japoneses e seus descendentes à sociedade brasileira.

Mesmo na época da “coincidência dos milagres” japonês e brasileiro, a tendência de se valorizar o Brasil era marcante, embora também se começasse a valorizar o Japão emergente e as possibilidades de trabalho e ganhos que poderia proporcionar a indivíduos que já possuíam afinidade com a língua e cultura nipônicas.

Finalmente, o quinto momento, que ainda vivemos, sugere uma derrota econômica do Brasil e uma vitória do Japão. Sobretudo nos anos 80, a crise brasileira acentuou a queda do poder aquisitivo e frustrou as perspectivas de ascensão econômica de parcela majoritária de sua população, incluídos aí, obviamente, os *nikkei*.

Os problemas econômicos brasileiros impulsionaram um renascer da identidade cultural nipônica entre os *nikkei* que se dirigem em massa ao país de seus ancestrais em busca de melhores ganhos. São os conhecidos *dekassegui*, japoneses e descendentes atraídos ao Japão para trabalhar em troca de salários convidativos, se comparados aos nossos padrões.

Vale observar que o fenômeno *dekassegui* tornou-se possível devido, em primeiro lugar, a uma carência de mão-de-obra em diversos setores do meio produtivo japonês; em segundo, à expectativa do Japão de atrair trabalhadores facilmente adaptáveis à estrutura social e produtiva do país, recrutados entre os japoneses e seus descendentes radicados no exterior; e, finalmente, porque a crise brasileira, confrontada com o notável progresso econômico japonês, tem dado origem à retomada da identidade japonesa por parte dos *nikkei*.

Nesse sentido, José Yamashiro, ao tratar da evasão dos *nikkei* para o Japão, afirma que:

É impossível prever o fim do movimento *dekassegui* enquanto perdurar a inflação no Brasil [...] ...enquanto continuar a existir a diferença na situação econômica dos dois países, e vigorando a lei da oferta e da procura, será impossível que a corrente inversa da imigração continue sem parar (uma vez que a colônia é limitada). Prevê-se, isto sim, a possibilidade de concretização do “fenômeno reverso da imigração”, com radicação permanente de *nikkeis* no Japão (in.: Yamashiro, (org.), 1992:455).

Desta forma, neste momento, vemos que é a transnacionalidade japonesa que é reforçada e ampliada.

Apenas o futuro, contudo, poderá esclarecer os limites dessa alteração identitária. O fenômeno *dekassegui* é um momento marcante na história da presença japonesa no Brasil, principalmente porque, embora sua base esteja no econômico, a ida e o retorno dessa massa de *nikkeis* ao Japão tornam explícito o fato de que devem ser incluídos na análise da elaboração nativa de identidade nacional aspectos políticos e sociais. Isto porque questões de Estado estarão necessariamente envolvidas, assim como aspectos de adaptação ao contexto cultural japonês, readaptação ao contexto cultural brasileiro e, em todos os casos, rearticulação entre elementos transferidos e incorporados das culturas japonesa e brasileira.

III

Concluindo, gostaríamos de reafirmar que, a partir desta análise, a identidade dos nipo-brasileiros é elaborada a partir da articulação entre elementos culturais e prático-formais (jurídicos) do Brasil e do Japão. A nacionalidade destes indivíduos é vista, então, como portadora de conteúdos semânticos diferenciados e superpostos que variam no tempo, de acordo com o contexto social, político e econômico do Brasil e do Japão.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo, Ática, 1989.
- CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS. *O Japonês em São Paulo e no Brasil* (Relatório do Simpósio realizado em junho de 1968 ao ensejo do 60º aniversário da imigração japonesa para o Brasil). São Paulo, 1971.
- HABERMAS, Jurgen. *Identidades Nacionais y Postnacionales*. Madrid, Tecnos, 1989.
- HANDA, Tomoo. *O Imigrante Japonês: História de sua Vida no Brasil*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1987.
- HOLLERMAN, Leon. *Japan's Economic Strategy in Brazil: Challenge for the United States*. Lexington, Lexington Books, 1988.
- NOGUEIRA, Arlinda R. *A Imigração Japonesa para a Lavoura Cafeeira Paulista (1908-1922)*. São Paulo, IEB/USP, 1973.
- _____. *A Imigração Japonesa na História Contemporânea do Brasil*. São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros/Masao Ohno, 1984.
- RUBEN, Guillermo. "Teoria da Identidade: uma Crítica" In: *Anuário Antropológico*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1986.
- _____. "A Teoria da Identidade na Antropologia: um Exercício de Etnografia do Pensamento Moderno". In: CORREA, M. e LARAIA, R. (orgs.). *Homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira*. Campinas, IFCH/Unicamp, 1992.
- _____. "As Identidades e Nacionalidades Latino-americanas no Contexto Transnacional". In: ZARUR, George (org.). *Identidades en America Latina*. Washington, OEA, 1993 (no prelo).
- SAITO, Hiroshi e MAEYAMA, Takashi. *Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil*. Petrópolis, Vozes, São Paulo, Edusp, 1973.
- SAITO, Hiroshi (org.). *A Presença Japonesa no Brasil*. São Paulo, T. A. Queiroz/Edusp, 1980.
- SMITH, Robert; CORNELL, John; SAITO, Hiroshi e MAEYAMA, Takashi. *The Japanese and Their Descendants in Brazil: An Annotated Bibliography*. São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1967.
- VIEIRA, Francisca S. *O Japonês na Frente de Expansão Paulista*. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1973.
- WILLEMS, Emilio e SAITO, Hiroshi. "Shindô-Renmei: Um Problema de Aculturação". In: *Sociologia*, vol. IX, n. 2, São Paulo, 1947.
- YAMASHIRO, José (org.). Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*. São Paulo, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa/Hucitec, 1992.